

ENGELS, Friedrich

[The Condition of the Working Class in England](#). s.e., ed. e intr. David McLellan, col. The World's Classics, Reino Unido, Oxford University Press, 1993.

Este é um livro essencialmente diferente da maioria dos textos que aqui têm vindo a ser apresentados. É um texto contemporâneo dos fenómenos que estuda, e que os analisa num tom assumidamente opinativo e parcial.

Ao contrário do que poderá pensar quem não tenha lido o livro, esta não é uma obra política, e é anterior ao período de parceria com Karl Marx, a quem o seu nome nos surge muito associado. Engels tinha apenas 25 anos quando a escreveu e apenas se tinha cruzado com Marx uma vez.

Engels nasceu na Alemanha em 1820, filho de um próspero industrial têxtil com fábricas em Manchester e em Barmen, na Alemanha. Esta cidade, a mais industrializada da época, era também um forte centro da seita Pietista, de que o pai de Engels era fervoroso praticante.

Sai da escola aos 16 anos por imposição do pai, começando a trabalhar num dos seus escritórios. É nesta época que começa a escrever em jornais e a contactar com grupos políticos de jovens preocupados com as questões sociais e defensores de posições liberais face à religião.

Em 1841 muda-se para Berlim, onde integrará o grupo dos jovens hegelianos e, pouco tempo mais tarde, tomará contacto com as ideias comunistas, que terão particular importância na definição da sua orientação política. No ano seguinte, parte para Manchester, onde trabalhará durante dois anos, mantendo-se como correspondente de jornais alemães. Aí toma contacto com a realidade quotidiana dos trabalhadores, conhecendo as zonas mais pobres da cidade pela mão de uma criada irlandesa, Mary Burns, com quem viveria durante 20 anos.

Esta obra é um produto do interesse de Engels pelas questões sociais, que toma a forma de um relatório emocionado de dois anos de investigação académica completada, como ele faz questão de sublinhar, com o contacto directo com os trabalhadores. A atitude de Engels face aos operários é, simultaneamente, de solidariedade e de indignação perante o seu sofrimento, e de uma certa distância, patente na forma como descreve os seus hábitos e nível civilizacional, que se acentua marcadamente quando se refere aos trabalhadores irlandeses.

A importância da obra não reside no seu tema, que por si não é inovador. A emergência de uma classe totalmente nova, o proletariado, despertara já o interesse de muitos indivíduos através da Europa. Escrevem-se nesta época diversas obras sobre as condições de vida dos trabalhadores, e há também uma multiplicidade de relatórios e documentos oficiais denunciadores da situação, em que Engels se apoia para fortalecer os relatos da sua experiência pessoal.

A *condição da classe trabalhadora* é uma obra diferente destes outros textos por se apresentar como um relatório da condição operária na sua dimensão global, e não ser apenas a descrição da forma como vivem os trabalhadores de um ramo da indústria. É inovador também por se servir da expressão Revolução Industrial, criada por socialistas franceses e ingleses dos anos vinte, e que ainda não se tornara corrente. Engels descreve a revolução industrial como acontecimento que alterou toda a sociedade civil e que fez nascer o proletariado.

O pessimismo patente no relato da vida dos operários e, simultaneamente, a esperança optimista que Engels mostra ter na reacção revolucionária dos trabalhadores são duas características do texto que se relacionam com factores conjunturais: vivia-se em 1845 o final da primeira crise do capitalismo inglês, o que necessariamente teria acentuado a fragilidade da situação dos operários e a sua dependência face às leis do mercado. Simultaneamente, o movimento operário Cartista vivia o seu auge, favorecendo como é natural uma atitude de maior optimismo quanto à iminência de uma revolução.

Dos onze capítulos que compõem a obra, destacam-se os que analisam as consequências da industrialização na vida dos trabalhadores, que são verificadas a vários níveis. A minha exposição não seguirá a ordem do livro, mas será antes feita segundo um agrupamento temático dos problemas.

A obra começa por traçar um quadro resumido da vida dos trabalhadores antes da revolução industrial, evidenciando sobretudo a sua estabilidade e a inexistência de carências alimentares. É uma descrição aparentemente "romantizada", mas longe do estilo de autores contemporâneos como [Laslett](#) em [O Mundo que nós perdemos](#). Engels descreve estes indivíduos como seres desprovidos de qualquer actividade intelectual, como máquinas ao serviço dos aristocratas.

Seguidamente, é descrito o processo de proletarização dos trabalhadores em consequência do desenvolvimento da indústria têxtil, nos moldes que estudámos no primeiro semestre.

O sector do operariado mais minuciosamente descrito por Engels é o dos trabalhadores fabris, e é a realidade das cidades a que o autor melhor conhece. Os dois outros sectores estudados são o do operariado agrícola e o das minas, mas estes são sobretudo estudados de forma indirecta.

Engels dedica um dos primeiros capítulos ao estudo das cidades industriais, acentuando o facto de os bairros operários se situarem quase sempre em zonas específicas, afastadas da área de circulação da burguesia. Em Manchester, cidade que, como vimos, conheceu particularmente bem, afirma ser possível viver uma vida inteira sem nunca passar pelas ruas em que moram os operários. A sua descrição destes bairros, bastante semelhantes de uma cidade para outra, é a primeira de muitas passagens impressionantes sobre a resistência dos seres humanos à miséria extrema. Os edifícios, alinhados uns a seguir aos outros e de construção barata têm habitualmente um ou dois andares e por vezes uma cave também usada como habitação. Cada casa, habitada frequentemente por várias famílias, tem três ou quatro quartos e uma cozinha. As ruas não são pavimentadas nem têm sistema de esgotos, de modo que os lixos domésticos e os excrementos se acumulam constantemente. Engels dá particular atenção aos problemas da higiene, salientando nas várias cidades a falta de ventilação provocada pela inexistência de planeamento na construção dos edifícios. Nas habitações, depara com a frequente ausência total de mobiliário, a presença de animais (cães e cavalos) nas habitações, a sujidade devida à não existência de instalações sanitárias em muitos edifícios, etc.

No capítulo que dedica aos trabalhadores fabris, Engels descreve outro tipo de habitação dos operários, característico das zonas rurais - o "cottage system" - trata-se de um sistema que responde à falta de habitações para os operários através da construção por parte de casernas que são alugadas pelos empregados ao patrão. Este sistema, aparentemente, inocente, permite ao industrial, por um lado, realizar maior lucro à custa de cada operário (uma vez que parte do ordenado regressa ao seu bolso ou nem chega a sair) e, por outro, colocar este numa posição de forte dependência, uma vez que, em caso de greve, o patrão se pode desalojar os empregados, facto que se verificou em várias ocasiões. Associado a este sistema encontra-se frequentemente outro, denominado "truck system", que consiste no seguinte: O patrão paga uma parte ou a totalidade do salário do operário em géneros, sendo estes quase sempre de má qualidade e de preço superior ao do mercado.

As más condições de higiene e de habitação, bem como a má qualidade da comida, favorecem o aparecimento de doenças e a disseminação de epidemias, entre as quais Engels descreve a tuberculose, o tifo e a escarlatina, e os seus efeitos devastadores na classe trabalhadora. Entre as crianças, as doenças provocadas por deficiências alimentares, como o raquitismo, e os atrasos no desenvolvimento são também muito frequentes (pp. 106 e ss.). Engels refere-se também à impossibilidade de os trabalhadores terem acesso a médicos qualificados, recorrendo com frequência a preparados caseiros e a charlatães, que vendiam por vezes medicamentos extremamente tóxicos e prejudiciais à saúde.

A mortalidade das crianças atinge níveis extremamente elevados sendo que, por exemplo, em Manchester, 57% faleciam antes dos 5 anos de idade. É necessário recordar que não era permitido às mães ficarem mais do que três ou quatro dias em casa com os recém-nascidos, sob pena de despedimento, e que, estando ambos os progenitores empregados, os bebés eram entregues a amas ou semi-abandonados em casa durante o dia.

Uma parte significativa da obra, repartida por diferentes capítulos, é dedicada às doenças desenvolvidas no trabalho, às deformações físicas características e à curta esperança de vida associada a muitas ocupações.

As doenças respiratórias caracterizam sobretudo os trabalhadores das minas e do sector metalúrgico, e as deformações, de vários tipos, são uma constante da indústria. O aspecto geral dos trabalhadores é descrito como sendo de apatia e cansaço extremo, grande vulnerabilidade a todos os tipos de doenças, para além de que na maior parte dos casos o próprio desenvolvimento do organismo, em virtude do precoce início da actividade laboral, não se fez de forma completa e muito menos harmoniosa.

Os acidentes no trabalho, que mutilavam e matavam muitos trabalhadores, são também descritos por Engels, e por ele vistos como produto da ganância dos industriais. Os trabalhadores eram obrigados a limpar as máquinas em funcionamento, sendo-lhes dito que se o quisessem fazer com elas paradas, teriam de gastar nesse serviço o seu tempo livre, pelo que muitos arriscavam e perdiam assim a vida.

Os problemas sociais e o tipo de vida dos trabalhadores são abordados ao longo de toda a obra, a propósito de cada um dos temas. Desde as primeiras páginas, dois aspectos chamam a atenção do leitor:

Primeiro a indignação de Engels perante a promiscuidade em que vivem os operários - são incontáveis as referências à forma como a habitação precária permite a proximidade na sua opinião exagerada de homens e mulheres de todas as idades, à forma insuficiente como muitos cobrem o corpo com os farrapos que têm como roupa, aos altos níveis de ilegitimidade favorecidos, segundo ele, pelo trabalho em comum de rapazes e raparigas em horários nocturnos, etc.

O outro aspecto marcante é a sua atitude face aos imigrantes irlandeses, descritos como seres ignorantes que se sentem confortáveis no meio da sujidade, que não usam sapatos e são, como os latinos, particularmente dados a manifestações de violência. Engels afirma mesmo que o prolongado contacto e os casamentos mistos entre Ingleses e Irlandeses

conduziu a uma degeneração em termos civilizacionais destes últimos, que conduziu à abertura irreversível do fosso entre a classe burguesa e a classe trabalhadora.

A afluência de imigrantes irlandeses em situação económica ainda mais precária que a dos trabalhadores ingleses conduziu também a um nivelamento por baixo dos pagamentos, uma vez que aqueles aceitavam trabalhar por salários mais baixos.

Outros problemas sociais e situações totalmente novas são despoletados pelo desenvolvimento da indústria. Um deles é a substituição da mão-de-obra masculina adulta por mão-de-obra feminina e infantil, mais mal paga e adequada a novos serviços, nascidos da evolução da maquinaria. Um exemplo desta situação é o do despedimento dos tecelões com o subsequente emprego de mulheres e crianças cuja função era reparar as teias dos teares. Gera-se uma situação inaudita, que Engels descreve como sintomática do estado a que a sociedade havia chegado: o marido ficava em casa, a tratar dos assuntos domésticos, e a mulher era a única a ter emprego, ou trabalhava com as crianças na fábrica.

O ensino e a religião são dois outros pontos focados para exemplificar a degradação da condição do trabalhador. Impedidas de frequentar a escola por serem arrastadas para a fábrica desde muito cedo (frequentemente a partir dos 5 anos), as crianças eram naturalmente quase todas analfabetas. A catequese e as aulas nocturnas tentavam colmatar este problema, mas com muito pouco sucesso, como é natural. Engels conta como muitas destas crianças adormeciam no caminho da fábrica para casa de puro cansaço e, chegadas ao domingo, não tinham sequer energia para brincar. Inquéritos feitos às crianças que, mais ou menos assiduamente, frequentavam o ensino, revelavam resultados desastrosos, dos quais o autor dá exemplos anedóticos.

Engels critica ainda a inutilidade do ensino ministrado nas "Sunday schools", desprovido de qualquer interesse prático, elogiando depois, na parte da obra que consagra ao movimento operário, a obra dos socialistas no campo do ensino.

Quanto à religião, é manifesto o desinteresse das populações operárias, sobretudo nas cidades.

Os divertimentos dos operários, segundo o autor, são apenas dois: a bebida e o sexo. Esta afirmação não é feita como crítica mas antes como reconhecimento de que apenas nestes dois prazeres o trabalhador se consegue alhear do trabalho que o absorve 6 dias por semana.

Engels dedica um capítulo da sua obra à emergência e ao desenvolvimento do movimento operário.

O autor traça uma breve história do movimento operário, e descreve as três forças que considera principais: o sindicalismo, o cartismo e o socialismo.

O último capítulo do livro é dedicado à burguesia e à sua atitude face ao proletariado. Trata-se de uma crítica violenta que reúne os vários dados dispersos ao longo do texto, chamando a atenção para aspectos como a lei - uma lei burguesa ao serviço dos burgueses - e a assistência social que a burguesia diz promover. Engels afirma em vários passos do texto que é muito mais significativa a ajuda que os trabalhadores prestam aos seus semelhantes do que a que é dada pelos indivíduos abastados. Por outro lado, as instituições de caridade são descritas como lugares temíveis, em que os indivíduos assistidos são tratados de forma desumana, e às quais todos fogem.